

ARQUITETURA E ARTE DECORATIVA DO AZULEJO NO BRASIL

Prof.^a Me. LILIANE SIMI AMARAL

Resumo

A utilização de azulejo na arquitetura brasileira iniciou-se como revestimento de barras decorativas e posteriormente em fachadas inteiras. Este processo foi uma herança trazida de Portugal no início da colonização no Brasil, a utilização deste tipo de revestimento demonstra a influência lusitana nos nossos costumes e na nossa arquitetura. Inicialmente a utilização deste material não passava de um simples produto de importação, dependente dos tipos e padrões fornecidos pelas olarias portuguesas. Este material tornou-se indispensável na decoração da nossa arquitetura por garantir uma proteção eficaz contra as intempéries de um país tropical, como a abundância de chuva e a ação do sol. A retomada do azulejo de fachada coincide com a renovação da arquitetura brasileira, que se inicia nos anos 30, após o declínio do neocolonial, e se prolonga até a inauguração de Brasília. O azulejo assume posição de destaque e renovação e de expressão plástica. Na arquitetura contemporânea brasileira redescobriu-se o valor estético das superfícies revestidas com azulejos e suas aplicações tornaram-se frequentes a partir dos painéis criados por Portinari para o Ministério da Educação e Cultura no Rio de Janeiro e para a igreja da Pampulha, em Belo Horizonte, projetados por Oscar Niemeyer uma redescoberta e retorno as suas raízes. O uso deste material no decorrer da história, que resistiu ao tempo se inova a cada dia procurando novas possibilidades na sua utilização funcional e também como forma de expressão plástica.

Palavras-chave:

Azulejo; Azulejaria; Arte Decorativa; Azulejo no Brasil.

Abstract

The use of tile in Brazilian architecture began as a decorative coating bar and later in the facades intact. This process has brought a legacy of Portugal at the beginning of colonization in Brazil, the use of such coating demonstrates the Lusitanian influence on our customs and our architecture. Initially the use of this material was just a simple product import dependent on the types and patterns provided by the Portuguese pottery. This material has become indispensable in the decoration of our architecture to ensure an effective protection against the weather of a tropical country, as the abundance of rain and sun action. The resumption of

tile shell coincides with the renewal of Brazilian architecture, which begins in the 30s, after the decline of neo-colonial and lasts until the inauguration of Brasilia. The tile stands out and renewal and artistic expression. Rediscovered in contemporary Brazilian architecture is the aesthetic value of tiled surfaces and its applications have become frequent since the panels created by Portinari for the Ministry of Education and Culture in Rio de Janeiro and the Church of Pampulha, Belo Horizonte designed by Oscar Niemeyer a rediscovery and return to its roots. Use of this material in the course of history, that has withstood the time if innovates every day looking for new possibilities in their functional use and also as a form of artistic expression.

Keywords: Tiles, Decorative Art, Tiles in Brazil.

Introdução

A utilização de azulejo na arquitetura brasileira iniciou-se como revestimento de barras decorativas e posteriormente em fachadas inteiras. Este processo foi uma herança trazida de Portugal no início da colonização no Brasil. Assim, este trabalho promove um levantamento bibliográfico com o objetivo de registrar cronologicamente a utilização deste tipo de revestimento na arquitetura brasileira demonstrando a influência lusitana nos nossos costumes e na nossa arquitetura.

Inicialmente a utilização deste material não passava de um simples produto de importação, dependente dos tipos e padrões fornecidos pelas olarias portuguesas. Este material tornou-se indispensável na decoração da nossa arquitetura por garantir uma proteção eficaz contra as intempéries de um país tropical, como a abundância de chuva e a ação do sol.

Gilberto Freyre, em seu livro *Casa Grande e Senzala* (2006), acentua a conexão existente entre o uso do azulejo, por parte do colono português no Brasil não só pelo gosto, mas também pelo asseio, pela limpeza, pela claridade, daquele instinto ou senso de higiene tropical.

A retomada do azulejo de fachada coincide com a renovação da arquitetura brasileira, que se inicia nos anos 30, após o declínio do Neocolonial, e se prolonga até a inauguração de Brasília. O azulejo assume posição de destaque e renovação e de expressão plástica.

Na arquitetura contemporânea brasileira redescobriu-se o valor estético das superfícies revestidas com azulejos e suas aplicações tornaram-se frequentes a partir dos painéis criados por Portinari para o Ministério da Educação e Cultura no Rio de Janeiro e para a igreja da Pampulha, em Belo Horizonte, projetados por Oscar Niemeyer. Concomitantemente o arquiteto Afonso Eduardo Reidy também faz uso desta técnica como uma redescoberta de suas raízes.

Metodologia

Os dados registrados neste trabalho foram elaborados por meio de uma análise histórica e bibliográfica da arquitetura e a arte decorativa do azulejo no Brasil, demonstrando sua evolução e aplicação. Esta coletânea de dados pode promover o interesse por este tipo de tecnologia, buscando no passado a compreensão do presente e quem sabe um aprimoramento da arte da produção de azulejos no Brasil.

Resultados

A azulejaria no Brasil teve início com a ineficácia das Capitânicas Hereditárias, período em que foi centralizada a administração no Governo Geral, na pessoa de Tomé de Souza em 1549. Com ele vieram os primeiros obreiros para um planejamento civilizador, com o objetivo de organizar as cidades e vilarejos. Já os artistas e os artífices eram de Portugal, que traziam sua formação estética da Europa, ou ainda alguns destes nascidos no Brasil.

Em 1522 chega à cidade de Salvador o primeiro bispo do Brasil, D. Pedro Fernandes Sardinha, que estabelece as hierarquias eclesiásticas, os franciscanos, os beneditinos e os jesuítas que fundaram suas casas de catequese. É nesta época que surgem novas igrejas paroquiais e os conventos. Para a construção destas instituições são trazidos de Portugal os mármore e as cantarias para as suas igrejas e os ornatos como fontes, retábulos e lavabos.

Nas igrejas e conventos do século XVII, o azulejo decorativo torna-se peça imprescindível e a encomenda destas peças era feita por milheiros já que a padronagem de repetição, generalizada em Portugal, era adaptável a qualquer edifício, independentemente de limites de enquadramento.

Os azulejos do século XVII trazidos para o Brasil e principalmente os encontrados na Bahia, foram chamados de *tapetes*. De origem muçulmana, sua decoração era simétrica ordenada, como os tapetes orientais. Suas cores são tricrômicas e as mais comuns são o amarelo, o azul e o branco, com ornamentações geométricas, laçarias, arabescos e motivos florais estilizados de técnica de majólica.

Por volta de 1630, com a chegada dos holandeses no Nordeste do Brasil, nos primeiros anos de ocupação trouxeram para Pernambuco grandes quantidades de materiais de construção, não só por iniciativa da Companhia das Índias Ocidentais, mas também por empreendedores particulares que vieram tentar fortuna no Brasil. Dentre os materiais, os azulejos, como os da igreja do Convento de Santo Antônio do Recife, onde o Conde João Maurício de Nassau mandou assentar 20 mil ladrilhos no piso.

Em 1650, a cana-de-açúcar como um modelo agrícola monocultor e em plena atividade em torno de vários núcleos urbanos, por toda a extensão da costa leste do litoral brasileiro, começou a estabelecer a forma definitiva da moradia no Brasil. Vários fatores concorreram para o estabelecimento deste formato de moradia, tais como o clima tropical úmido, a flora, o gentio da terra, mas o mais importante de todos eles foi o colonizador português com seus usos e costumes. Posteriormente a casa no Brasil será adequada à realidade social e geográfica, como os telhados de beirais alongados por causa das chuvas.

A utilização de azulejos como revestimento vem garantir a proteção eficaz contra as intempéries deste país tropical, com abundância de chuva e a ação do sol. Segundo Santos Simões é precisamente no Brasil, e ainda no século XVIII, que o azulejo sai dos interiores e vai revestir as fachadas, tornando-se um elemento decorativo.

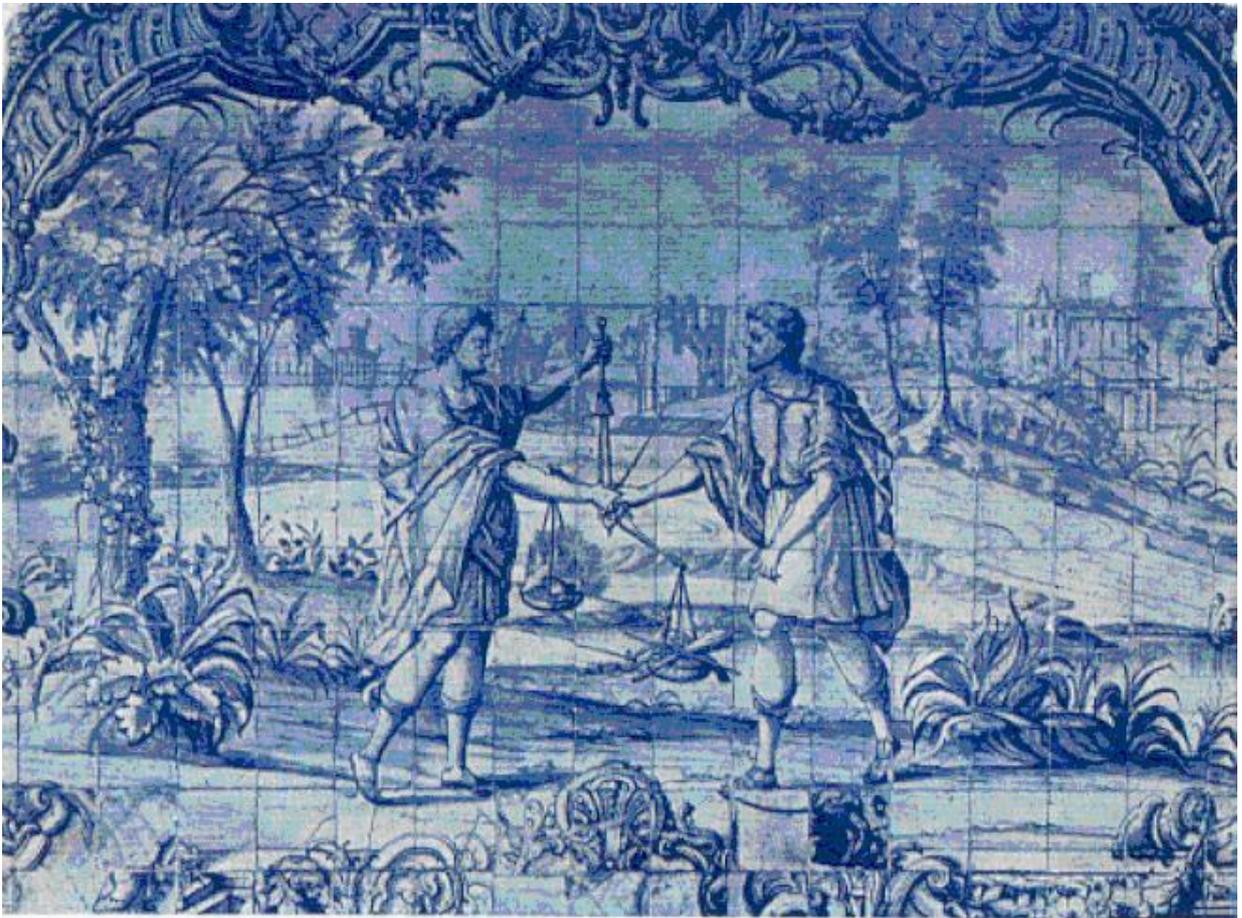
Na primeira metade do século XVII, independente das dificuldades de transporte e dos elevados preços dos azulejos, este tipo de revestimento foi muito empregado na decoração arquitetônica do Brasil Colônia. Nesta época os azulejos eram todos importados de Portugal, pois não existia produção deste tipo de material aqui no Brasil.

A azulejaria no Brasil marca a arquitetura do Nordeste, principalmente na Bahia, no Recife e, no Sudeste, na cidade do Rio de Janeiro. Alguns exemplos mais significativos são os azulejos da Capela Dourada no Recife (PE), assinados por Antônio Pereira; os do Mosteiro de Santo Antônio, no Rio de Janeiro (RJ), os da igreja de Nossa Senhora do Rosário, em Cachoeira (BA) e no Convento de São Francisco (BA), conforme se observa na figura 1. Os azulejos da capela-mor e os dois claustros do Convento de São Francisco, na

Bahia, são de autoria de Bartolomeu Antunes, de Lisboa. A partir desta data o uso dos azulejos torna-se frequente nas igrejas do Brasil.

Figura

1



Azulejos do Convento de São Francisco da Bahia. Salvador, BA. (S. n., PINHEIRO, 1951, p. 19)

Em 1660, multiplicam-se as construções religiosas e civis que recebem decoração cerâmica. O revestimento cerâmico dependia da presença de artífices especializados para ser assentado. Cinquenta anos mais tarde, esta tarefa já era executada por simples pedreiros. Para tornar mais fácil a colocação dos azulejos os fabricantes estabelecem um sistema de marcação das pedras, dando uma colocação exata no conjunto do painel.

O período Colonial – séc. XVIII – foi marcado pelo trabalho escravo e pela precária tecnologia no Brasil. Neste período a arquitetura seguia uma tradição portuguesa em que as casas, urbanas ou rurais, eram construídas segundo a padronização fixada nas Cartas Régias ou em posturas municipais, de modo uniforme.

No século XVIII os padrões policrômicos dos azulejos são substituídos pelos azulejos azuis sobre um fundo branco de influência dos ceramistas holandeses. Os azulejadores de Portugal começam a utilizar a técnica do óxido de cobalto para obter o azul, e ganha popularidade chegando ao Brasil.

Com a vinda da família real para o Brasil e da Missão Artística Francesa, trazida por D. João VI, inicia-se a divulgação do Neoclássico. A presença da Academia de Belas Artes no Rio de Janeiro favorece a implantação de materiais refinados na construção e o aperfeiçoamento das técnicas dos países mais adiantados da Europa. O gosto pelo azulejo acaba determinando uma característica na arquitetura imperial tornando-se um elemento essencial não só no exterior como no interior das casas e igrejas.

A abertura dos portos e a integração do país no mercado mundial possibilitaram a importação de equipamentos, que contribuiu para a mudança na aparência das construções dos maiores centros no litoral brasileiro, respeitando as técnicas tradicionais. As paredes, de pedra ou de tijolo eram revestidas e pintadas e nos interiores revestiam as paredes de papéis coloridos de motivos ornamentais importados da Europa, disfarçando as construções grosseiras.

As modificações mais importantes se deram na segunda metade do século XIX, com a decadência da escravidão e o desenvolvimento da imigração europeia. O hábito de construir e de habitar apresentará alterações em decorrência das transformações socioeconômicas e tecnológicas. Com a crescente exportação de café, o Brasil conseguiu uma posição cambial favorável, que possibilitou a generalização do uso de equipamentos importados, libertando os construtores do primitivismo das técnicas tradicionais.

A modernização dos transportes, como as linhas férreas ligando o interior ao litoral e de linhas de navegação nos grandes rios no interior, associadas a equipamentos pesados, como máquinas a vapor, serrarias, entre outros, permitiria o aparecimento de um fenômeno novo na arquitetura, os edifícios importados. Fabricados nos países europeus, produzidos pela indústria, vinham desmontados em partes nos porões dos navios e montados no Brasil.

Na segunda metade do século XIX, surgiu um número crescente de edifícios para adaptar-se aos centros urbanos, instalaram-se redes de abastecimento de água, de iluminação e esgoto e as primeiras linhas de transporte coletivo. Com isto as casas rurais perderam sua importância no fim desse século e já eram comuns as fazendas em que as residências apresentavam todas as características de uma arquitetura urbana, tanto no sentido plástico como funcional. A arquitetura do fim do século XIX já alcançava um nível elevado de realizações técnicas, dentro dos padrões acadêmicos.

Em 1861, destaca-se a fábrica de azulejos Antônio Survílio & Cia. em Niterói (RJ). Seus azulejos, de boa qualidade, teriam sido expostos na I Exposição da Indústria Nacional. Outros fabricantes de azulejos, José Botelho de Araújo e Rougeot-Ainé, ambos sediados no Rio de Janeiro, são citados na II Exposição da Indústria Nacional realizada cinco anos depois. Na terceira e quarta exposições, de 1873 e 1875, respectivamente, e na Exposição da Indústria Nacional de 1881, há notícia de trabalho de faiança e de outros produtos cerâmicos. A figura 2 ilustra a aplicação desta técnica em fachadas de residências.



Figura 2

Museu Republicano Convenção de Itu, 1850. Itu, São Paulo. Azulejo na fachada e detalhe. (Angela Garcia, In: LOURENÇO, 1999, p. 174)

Na arquitetura do Século XX, a influência da mão de obra de imigrantes, associada às técnicas construtivas, passam por um aprimoramento sobre a tradicional construção do período da escravidão. A industrialização dos materiais, por volta de 1940, ainda era muito pequena, não atingindo o atendimento nacional, com isso se dá a importação de muitos equipamentos e materiais estrangeiros.

O princípio do século XX, com seus hábitos franceses, vai introduzir não apenas a sofisticação nos banheiros, mas nos próprios produtos de higiene. As *toilettes* dos nossos edifícios são verdadeiras obras artísticas de ferragens rebuscadas, louças finíssimas, espelhos de cristal importados, grandes bancadas em pedras nobres, requintado acabamento em ladrilhos hidráulicos franceses nos pisos e azulejos, também importados, até a metade das paredes, como pode ser observado na figura 3.

Figura 3



Painel de azulejo no átrio e escada. – Detalhe Interno, Museu Republicano de Convenção de Itu, 1850. (Angela Garcia, In: LOURENÇO, 1999, p. 175)

Neste período, nas residências das famílias mais abastadas, em muitos casos, apareciam recursos de conforto como nas habitações europeias e seu tratamento formal era rebuscado, em voga neste período, atendendo com rigor os padrões acadêmicos europeus. Nas residências os tijolos eram revestidos com massa de caráter decorativo, no exterior podiam apresentar algumas partes revestidas de azulejos, segundo o costume português. Na sala de almoço, cozinhas e banheiros começavam a ser aplicados o revestimento de azulejos, em geral com barras decorativas. O início do desenvolvimento industrial e da diversificação da produção rural no país acontece entre as duas Guerras Mundiais e a arquitetura sofreria transformações da mais alta significação.

No Brasil, a primeira indústria a produzir a porcelana para revestimento foi a Cia. Cerâmica do Rio de Janeiro, fundada por Américo Ludoff em 1910, que sucedeu à Cia. De

Grés e Faiança Nacional, construída em 1907, que deu início à fabricação de ladrilhos de Grés.

Na segunda e terceira décadas do século XX surge o movimento Neocolonial que procurava valorizar as expressões regionais da arquitetura tradicional brasileira. Em 1912 o arquiteto português Ricardo Severo defende o culto à tradição com o uso da azulejaria.

O arquiteto Victor Dubugras, inicialmente ligado ao movimento *Art Nouveau*, que vem mais tarde aderir ao movimento Neocolonial em 1914, por encomenda do então prefeito de São Paulo, Washington Luiz, para as comemorações do Centenário da Independência do Brasil, projetou uma fonte e um bebedouro de cavalos, sustentado de colunata apoiando um frontão sinuoso decorado com um painel de azulejos pintados por José Washth Rodrigues, conforme ilustrado pela figura 4. O azulejo assume posição de destaque e renovação e de expressão plástica, como uma redescoberta das raízes lusitanas.

Figura 4



Wasth Rodrigues, Largo da Memória. São Paulo, SP, 1920. Azulejaria Contemporânea no Brasil. Projeto de Victor Dubugras. (José Eduardo Gouvêa, in: MORAIS, 1988, p. 19)

Este painel tinha como tema a vida tropeira, que por ali chegavam as tropas vindas de Sorocaba. Foi o primeiro painel descoberto de São Paulo e o processo de queima destes azulejos se deu na olaria da família Ranzini, na Lapa.

A Fábrica Santa Catarina de Romeu Ranzini, fundada em 1912, prosperou rapidamente com o fim da I Guerra Mundial e com o crescimento da indústria de construção civil, por volta dos anos 20, propiciando as importações de azulejos. Nesta mesma fábrica foi executado o processo de queima do painel que descreve a passagem da vida da fundadora da Ordem das Carmelitas de autoria de Paulo Rossi Osir.

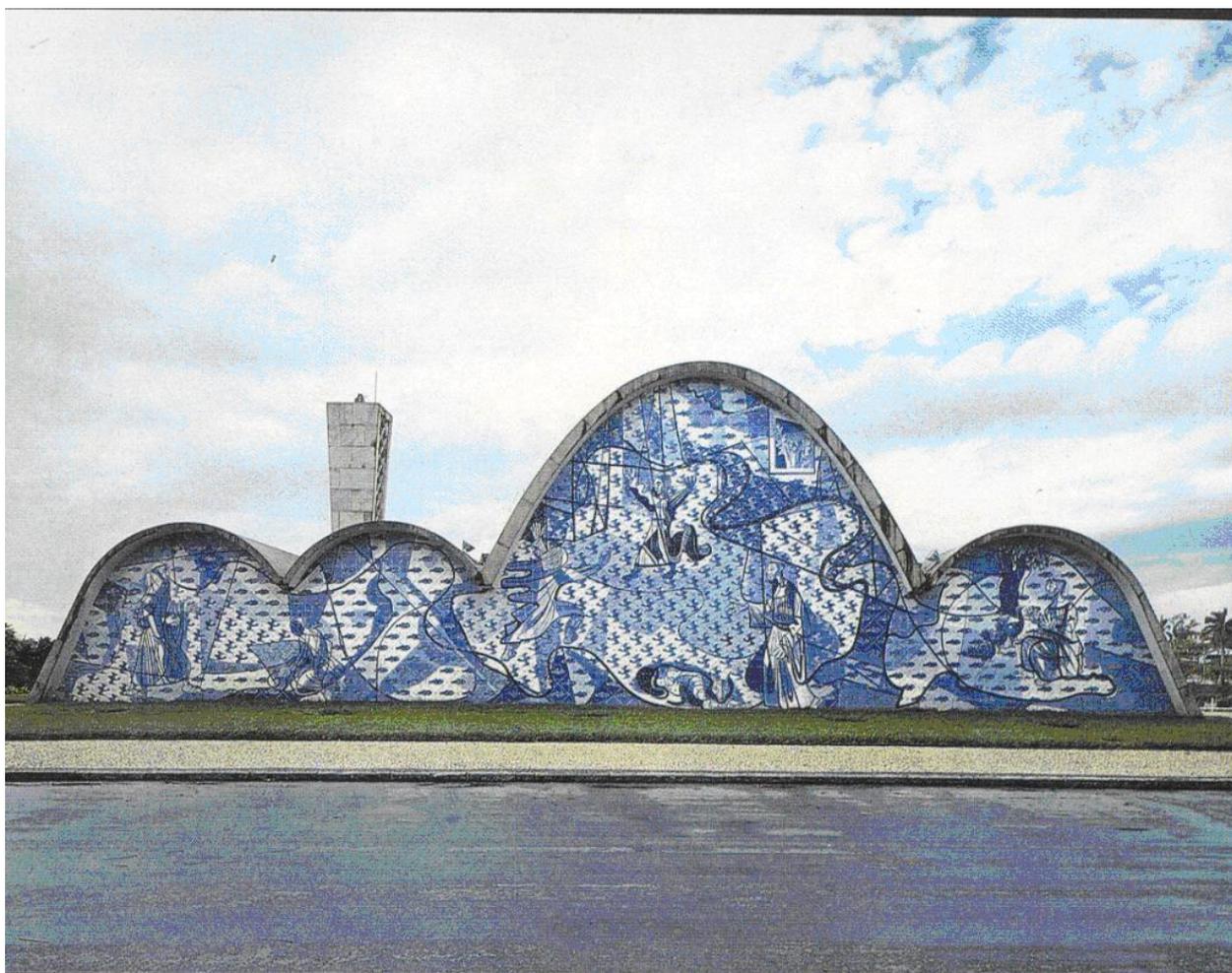
Nesta mesma época surgiram oficinas artesanais para a queima de azulejos pintados, como por exemplo a Ceramus, de Francisco Azevedo, onde Antônio Paím Vieira iniciou o processo de queima de seus azulejos. Entre 1937 e 1938, Paím adquiriu o seu próprio forno a lenha que manteve até 1943. Somente em 1947 voltou a colocá-lo em funcionamento onde fez a queima dos azulejos que criou para a igreja de Nossa Senhora do Brasil em São Paulo. O azulejo reveste a capela-mor, altares laterais, corredores, portas e fachada do edifício, só finalizando este trabalho em 1970.

Em 1919, no Rio de Janeiro (RJ), foi implantada a Manufatura Nacional de Porcelana, que produzia louça doméstica, artefatos e isoladores elétricos de porcelana e a partir de 1931, quando foi incorporada ao Grupo Klabin, começou a fabricação de azulejos.

Citamos também, de interesse, a Cerâmica artística Conrado Sorgenicht, que executou o processo de queima do último painel de azulejos desenhado por Cândido Portinari, para a sede social do Pampulha Iate Clube, de Belo Horizonte (MG).

Em 1940 surge a Osiarte e seu diretor é Paulo Rossi Osir, que se dedicava à produção de azulejos. Este ateliê surgiu para executar os azulejos criados por Portinari para o Ministério da Educação no Rio de Janeiro (RJ) e a igreja da Pampulha, em Belo Horizonte (MG), como pode ser observado na figura 5.

Figura 5



Cândido Portinari, Pampulha, Belo Horizonte. 1944. Azulejaria Contemporânea no Brasil. Igreja de São Francisco de Assis, Belo Horizonte, MG. Projeto de Oscar Niemeyer. (José Eduardo Gouvêa, in: MORAIS, 1988, p. 67)

Nas décadas de 40 e 50, as Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo, que usava a técnica do baixo esmalte, o chamado *biscoito*, produzia e expunha os trabalhos desenvolvidos por vários artistas como Alfredo Volpi, Mário Zanini e Hilde Weber, onde a principal temática eram cenas folclóricas e populares. Em 1950 Osir e Volpi se afastam da Osiarte, que toma um caráter empresarial, que começa a executar encomendas de outros artistas como Burle Marx e Caribé.

A produção da Osiarte, vem ao encontro de uma nova concepção de vida, do homem conviver em espaços harmonicamente integrados, onde a arquitetura, as imagens, as cores e os objetos constituem um todo projetado com requintes e funcionalidade. Nesse sentido, o

azulejo satisfazia à necessidade de durabilidade dos revestimentos de parede, continuando uma tradição cara para o Brasil colonial e suas raízes portuguesas.

Com a vinda do arquiteto Le Corbusier ao Brasil, vários arquitetos adotaram o uso de azulejaria em suas obras arquitetônicas e a utilização de materiais da terra. A sua presença, em 1929 e 1936, foi um estímulo ao emprego do azulejo. Arquitetos como Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, Affonso Eduardo Reidy, Carlos Leão, Jorge Moreira e Ernani Vasconcelos, ouviram de Le Corbusier lições sobre a valorização dos materiais locais, inclusive velhos hábitos como o uso de azulejos nas edificações.

Estes arquitetos começaram a utilizar este material não só como elemento funcional, mas também como um material nobre que serviria magnificamente como suporte a novas expressões plásticas, criando uma conexão entre arquitetura e a arte, a arte da azulejaria, conforme figuras 6 e 7.



Figura 6

Athos Bulcão, Congresso Nacional, Brasília, DF, 1971. Projeto de Oscar Niemeyer. (José Eduardo Gouvêa, in: MORAIS, 1988, p. 121)

Figura 7



Roberto Burle Marx. Clube de Regata Vasco da Gama, Rio de Janeiro, RJ, 1959. Projeto de Jorge Ferreirar. (José Eduardo Gouvêa, in: MORAIS, 1988, p. 81)

A partir da década de 40 é que surgem as pastilhas cerâmicas hexagonais ou octogonais e as cerâmicas lisas ou decoradas como revestimento para as fachadas e interiores das residências. Na década de 50 os materiais de revestimento começam a apresentar uma preocupação formal, além de serem laváveis e duráveis. Em meados de 1953, nas casas, os azulejos eram aplicados nos banheiros e cozinhas, apenas com a preocupação funcional, os azulejos eram brancos sem nenhuma preocupação decorativa.

Nos anos 60, os materiais de revestimento melhoram em qualidade e apresentam diversidade de padrões, azulejos decorados ou em cores lisas, peças de acabamento de pisos vitrificadas. Os anos 70, com a valorização do corpo e da higiene íntima, a indústria nacional de azulejos e materiais sanitários aparecem em franca ascensão. Surgem em larga escala os azulejos decorados, de padrões variados, os pisos cerâmicos tomam conta do mercado imitando alguns modelos do passado com diversas texturas e cores. A partir deste

período encontraremos no mercado uma variedade de azulejos e revestimento de pisos, de formas, cores e padrões variados, mas ainda busca-se no passado, nas raízes, fonte de inspiração para se repensar o uso do azulejo nos tempos atuais.

Conclusão

Este trabalho promoveu uma investigação acerca da história da azulejaria no Brasil e procurou registrar os costumes que herdamos de Portugal e que ficou enraizado em nossa cultura e conseqüentemente na arquitetura, que perdura até os dias de hoje, o uso do azulejo como revestimento de fachadas, de piso, de parede e painéis, como fonte de expressão artística e plástica.

De início, o revestimento das fachadas com azulejos se dava por razões fundamentalmente climáticas e não ornamentais. Com a ação das chuvas e do calor constante, o azulejo será empregado como elemento de impedimento de corrosão. No Neoclássico o gosto pelo azulejo acaba determinando uma característica na arquitetura imperial tornando-se um elemento essencial não só no exterior como no interior das casas e igrejas. No movimento Neocolonial, que procurava valorizar as expressões regionais da arquitetura tradicional brasileira, o culto à tradição e entre elas o uso da azulejaria é amplamente defendido.

Após o declínio do estilo arquitetônico Neocolonial, na década de 30, com a renovação da arquitetura no Brasil, a valorização dos materiais locais inclui o velho hábito do uso do azulejo nas fachadas e o marco será o edifício do Ministério da Educação no Rio de Janeiro e a igreja da Pampulha em Belo Horizonte como forma de expressão artística e plástica.

Na arquitetura contemporânea brasileira redescobriu-se não só o valor estético das superfícies revestidas com os azulejos que se torna cada vez mais frequente. O uso deste material no decorrer da história, que resistiu ao tempo, se inova a cada dia procurando novos caminhos na sua utilização funcional e também como forma de expressão plástica.

REFERÊNCIAS

- ALCÂNTRA, Dora. (org.). **Azulejos na cultura luso-brasileira**. Rio de Janeiro: Instituto do Patrimônio Histórico Artístico e Nacional, IPHAN, 1997.
- AMARAL, Liliane Simi. **Retratos de Chão – A arte ornamental do revestimento de piso de ladrilhos hidráulicos dos edifícios da Universidade de Taubaté**. Dissertação de Mestrado. Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2000.
- LEMOS, Carlos A. C.. **Alvenaria Burguesa: Breve história da arquitetura residencial de tijolos em São Paulo a partir do ciclo econômico liderado pelo café**. Nobel: São Paulo, 1989.
- LOURENÇO, Maria Cecília França. et al. **Comissão de patrimônio bens imóveis tombados ou em processo de tombamento da USP**. São Paulo: EDUSP, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.
- LOURENÇO, Cecília França, TARASANTCHI, Ruth Sprung. **Osiarte**. Catálogo exposição Pinacoteca do Estado de São Paulo, 1985.
- MORAIS, Frederico. **Azulejaria Contemporânea no Brasil**. São Paulo: Editoração Publicações e Comunicação, 1988.
- PINHEIRO, Silvanísio. **Azulejos do Convento de São Francisco na Bahia**. Salvador: Livraria Turista, 1951.
- SILVA, Edna Lúcia da, MENEZES, Estela Muszkat. **Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação**. 3ª ed.. Florianópolis: UFSC, 2001.
- SIMON, Lara Mara, LAVILLE, Christian, DIONNE, Jean (rev.). **A Construção do Saber – manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Belo Horizonte: UFMG – ARTEMD, 1999.
- SIMÕES, J. M. dos Santos. **Azulejaria Portuguesa no Brasil (1500-1822)**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1965.
- AZULEJARIA em Portugal no século XVIII**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1979.
- VERISSIMO, Francisco Salvador, BITTAR, Willian Seba. **500 Anos da Casa no Brasil: as transformações da arquitetura e da utilização do espaço em moradia**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.